

KAZUO ISHIGURO

# Os vestígios do dia

*Seguido de “Depois do anoitecer”*

*Tradução*

José Rubens Siqueira

*2ª edição*



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright de *Os vestígios do dia* © 1989 by Kazuo Ishiguro  
Copyright de “Depois do anoitecer” © 2001 by Kazuo Ishiguro  
“A Village After Dark” publicado originalmente em *The New Yorker*  
Proibida a venda em Portugal

Este livro foi publicado em 2003 pela Companhia das Letras com o título *Os resíduos do dia*.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Títulos originais*

The Remains of the Day  
“A Village After Dark”

*Capa*

Alceu Chiesorin Nunes

*Ilustração de capa*

Pedro De Castro

*Preparação*

Regina Giannetti

*Revisão*

Carmen T. S. Costa  
Isabel Jorge Cury

*Atualização ortográfica*

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Ishiguro, Kazuo

Os vestígios do dia, seguido de “Depois do anoitecer” / Kazuo  
Ishiguro ; tradução de José Rubens Siqueira. — 2ª ed. — São Paulo :  
Companhia das Letras, 2016.

Títulos originais: The Remains of the Day; “A Village After  
Dark”.

ISBN 978-85-359-2641-5

1. Ficção inglesa — Escritores japoneses  
I. Título. II. Título: Depois do anoitecer

03-4983

CDD-823.91

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura japonesa em inglês 823.91

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

PRIMEIRO DIA — NOITE

Salisbury

Encontro-me esta noite numa hospedaria na cidade de Salisbury. O primeiro dia de viagem agora terminou, e, no fim das contas, devo dizer que estou bem satisfeito. A expedição começou hoje de manhã, quase uma hora mais tarde do que o planejado, apesar de eu ter terminado de fazer as malas e carregar o Ford com todas as coisas necessárias bem antes das oito da manhã. Pois como Mrs. Clements e as meninas também tiraram uma semana de folga, acho que estava muito consciente do fato de que, assim que eu partisse, Darlington Hall iria ficar vazia, quem sabe, pela primeira vez neste século — ou pela primeira vez desde que foi construída. Era uma sensação estranha e talvez por isso eu tenha demorado tanto para partir, vagando pela casa muitas vezes, certificando-me uma última vez de que estava tudo em ordem.

É difícil explicar os meus sentimentos quando finalmente parti. Durante os primeiros vinte e poucos minutos de viagem, não posso dizer que tenha sido tomado por nenhuma excitação ou expectativa. Isso se deve, sem dúvida, ao fato de que, embora eu rodasse para cada vez mais longe da casa, continuava a me ver

em locais com os quais tinha ao menos uma passageira familiaridade. Ora, sempre achei que havia viajado muito pouco, tolhido como sou por minhas responsabilidades na casa, mas evidentemente, ao longo do tempo, a gente faz diversas excursões por uma ou outra razão profissional, e, ao que parecia, eu estava muito mais familiarizado com aquelas localidades vizinhas do que imaginava. Pois, como estava dizendo, ao rodar ao sol na direção da divisa de Berkshire, continuei me surpreendendo com quanto a paisagem me era familiar.

Mas então a paisagem acabou ficando irreconhecível, e entendi que havia ultrapassado todos os limites anteriores. Já ouvi pessoas descreverem o momento em que o barco abre as velas, o momento em que finalmente se perde a visão da terra. Imagino que a experiência de inquietação misturada com alegria que sempre acompanha a descrição desse momento seja muito semelhante ao que senti no Ford, quando a paisagem em torno ficou estranha para mim. Isso aconteceu logo depois que fiz uma curva e me encontrei em uma estrada que circundava a encosta de uma colina. Dava para sentir o íngreme precipício à minha esquerda, embora não pudesse vê-lo por causa das árvores e da densa folhagem que ladeava a estrada. Fui dominado pela sensação de que havia realmente deixado Darlington Hall para trás e devo confessar que senti um ligeiro sobressalto — sensação agravada pela desconfiança de que talvez não estivesse na estrada certa, e sim correndo na direção errada, para algum ermo. Foi só uma sensação momentânea, mas me fez reduzir a marcha. E, mesmo depois de ter me certificado de que estava no caminho certo, me vi compelido a parar o carro um momento para fazer um balanço, por assim dizer.

Resolvi descer e esticar um pouco as pernas, e quando fiz isso tive a sensação ainda mais forte de que estava empoleirado na encosta de uma colina. De um lado da estrada, moitas e pequenas

árvores subiam íngremes, enquanto do outro conseguia agora entrever na folhagem os campos distantes.

Acredito que havia caminhado uma pequena distância à beira da estrada, olhando pelo meio da folhagem, tentando uma vista melhor, quando ouvi uma voz atrás de mim. Até aquele momento, evidentemente, acreditava-me completamente sozinho, e virei-me um tanto surpreso. Um pouco adiante na estrada, do lado oposto, vi o começo de uma trilha que desaparecia, íngreme, pelo meio do mato. Sentado em uma grande pedra que marcava esse ponto, havia um homem magro, de cabelos brancos e boné de pano, fumando cachimbo. Ele tornou a me chamar e, embora eu não entendesse bem suas palavras, vi que estava acenando para que me aproximasse. Durante um momento, tomei-o por um vagabundo, mas, depois, percebi que era apenas algum morador local aproveitando a fresca e o sol do verão, e não vi razão para não atender seu convite.

“Estava aqui, pensando”, disse ele, quando me aproximei, “se o senhor é bom de pernas.”

“Como é?”

O sujeito apontou a trilha. “Tem de ser bom de pernas e de pulmão para subir aí. Eu, como não tenho nada disso, fico sentado aqui. Se estivesse em boa forma, estaria sentado lá em cima. Tem um lugarzinho muito bonito lá, com banco e tudo. E não tem vista mais bonita na Inglaterra inteira.”

“Se é verdade o que está dizendo”, respondi, “acho que prefiro ficar aqui. Por acaso estou começando uma viagem de carro, durante a qual espero ver muitas vistas bonitas. Ver a melhor delas antes de ter começado de fato seria um tanto prematuro.”

O sujeito pareceu não me entender, porque disse apenas:

“Não vai ver vista melhor na Inglaterra inteira. Mas o que estou dizendo é que precisa ser bom de pernas e de pulmão.” E acrescentou: “Estou vendo que está em boa forma para a sua ida-

de. Aposto que é capaz de subir isto aí sem nenhum problema. Quero dizer, até eu consigo num dia bom”.

Olhei a trilha, que realmente parecia íngreme e bastante acidentada.

“Estou dizendo que o senhor vai se arrepender se não subir lá em cima. Além disso, nunca se sabe. Mais uns dois anos e pode ser tarde demais”, deu uma risada bastante vulgar. “Melhor subir enquanto pode.”

Acaba de me ocorrer que o homem podia estar dizendo aquilo talvez de um jeito bem-humorado, ou seja, apenas como um gracejo. Mas devo confessar que, pela manhã, achei aquilo bem ofensivo, e pode muito bem ter sido a necessidade de provar como era boba a sua insinuação o que me fez começar a subir a trilha.

De qualquer forma, fico muito contente de ter feito isso. Foi, por certo, uma caminhada bastante cansativa — embora possa dizer que não chegou a me causar nenhuma dificuldade real —, a trilha subindo em zigue-zague pela encosta por uns cem metros, mais ou menos. Cheguei, então, a uma pequena clareira — sem dúvida, o local a que o homem havia se referido. Aí deparei com um banco, e, de fato, com uma vista das mais maravilhosas, dominando quilômetros e quilômetros de campos em torno.

O que se via era sobretudo campo sobre campo, rolando até a distância. A terra subia e descia suavemente, e os prados eram delimitados por moitas e árvores. Em alguns lugares distantes havia pontos que supus que fossem carneiros. À direita, quase no horizonte, achei ter visto a torre quadrada de uma igreja.

Era uma sensação de fato agradável estar ali, parado assim, com os ruídos do verão à minha volta e uma suave brisa no rosto. E acredito que foi então, diante daquela vista, que comecei a adotar uma atitude adequada para a jornada que tinha por diante. Porque foi então que senti o primeiro saudável arroubo de expec-

tativa pelas muitas experiências interessantes que, bem sei, os dias vindouros reservam para mim. E, de fato, foi então que senti uma nova determinação em não me intimidar diante da tarefa profissional que confiei a mim mesmo nesta viagem, ou seja, aquela relacionada a Miss Kenton e a nossos atuais problemas de pessoal.